

A Dignidade Humana

Mateus Deckers Leme

6. Pelé

Há dignidade apenas quando há consciência? Como admitir a dignidade de alguém que está há muitos anos em coma profundo ou a de um embrião?

Pensemos num caso mais próximo e menos radical: o Pelé. Será que o Pelé é um craque só enquanto está jogando bola? Quero dizer, será que, após ter saído de um Santos x Palmeiras no qual ele fez 3 gols, o "rei" se transforme misteriosamente num "perna de pau" e sua habilidade só volte a renovar-se misteriosamente cada vez que ele entra em campo, como a Fênix?

Não parece razoável.

O Pelé continua em todos os momentos a ser o Pelé; inclusive, a ser "o" Pelé, o atleta do século, maior craque do futebol de todos os tempos, mesmo quando faz propaganda para as Casas Bahia. Só que, nesses momentos, ele não está exercitando a sua habilidade.

Da mesma forma que o Pelé não deixa de ser o Pelé dentro ou fora do campo (e não deixa de ser "o" Pelé), o Joãozinho não deixa de ser o Joãozinho dentro ou fora do útero materno. Inclusive, ele não deixa de ser o "Joãozinho, diferente do Antenorzinho e do Arnaldinho e de todos os outros colegas de berçário, isto é, ele é ao mesmo tempo ele mesmo e único.

A melhor prova disso são as mães: que mãe aceitaria trocar seu filho com a vizinha de quarto na maternidade? Quer dizer, a natureza humana, ao mesmo tempo em que torna os seres humanos semelhantes entre si, torna-os também diferentes uns dos outros, faz com que cada um deles se torne uma pessoa.

Alguns filósofos se referem a essa qualidade do homem como "pessoalidade". Funciona mais ou menos como com as montanhas: de certa forma, são todas iguais: elevações do terreno, na maioria das vezes com uma forma aproximada de pirâmide. Mas, ao mesmo tempo, são todas diferentes: pergunte para um alpinista.

Desta forma, a consciência, na verdade, não importa grande coisa para determinar a dignidade. Podemos (e devemos) falar em dignidade sempre que nos referirmos a uma pessoa. A consciência, entendida aqui como capacidade de conhecer racionalmente, isto é, como a capacidade de dizer para si mesmo "Penso, logo existo", é apenas uma manifestação da natureza pessoal de um homem, que antes de dizer "penso, logo existo" foi capaz de aprender o que significam "penso", "logo" e "existo", que são ideias bastante abstratas. Assim, a consciência é um estado da pessoa, e não a pessoa uma consequência da consciência.

Por que as pessoas têm dignidade e os animais, plantas e coisas não?

Esta é a pergunta. Chegamos aqui ao cerne da questão: qual é esse valor especial que reconhecemos nas pessoas para lhes atribuirmos o que chamamos dignidade?

Conhecemos apenas três tipos diferentes de seres pessoais: os homens, os anjos e Deus. O que há de comum a todos eles? O seguinte: a natureza dos seres pessoais inclui pelo menos uma parte espiritual (no caso dos anjos e de Deus, 100 % espiritual). A natureza mista do homem é facilmente provada: a parte material nem precisa de comentários. E, sobre a parte espiritual, eu sinceramente não espero receber cartas dos babuínos de algum zoológico cumprimentando-me por este trabalho, nem que as cadeiras abram um processo contra mim por tê-las usado como exemplo sem pedir permissão, como poderiam fazer o Pelé ou a família Dickens.

Assim, as pessoas têm espírito. O espírito, por definição, é imortal, pois não tem partes em que possa dividir-se, e assim não pode quebrar-se ou morrer. Além disso, o

espírito não precisa de uma forma para existir, ao contrário de uma moto, por exemplo, pois ela só será moto enquanto todas as peças estiverem juntas de um determinado jeito. Por isso, a natureza dos seres pessoais entra no campo do infinito. Quer prova mais clara disso do que o namorado que promete amar a namorada "para sempre". O simples fato de dizermos "para sempre" a toda hora já mostra quão profundamente estamos ligados ao infinito.

Diz Tomás de Aquino que "toda a nobreza de qualquer coisa lhe pertence em razão de seu ser". Quer dizer, quanto mais perfeita for a maneira como uma coisa possui o ser, tanto mais valiosa, nobre, digna ela será.

Um pé de abóbora, por exemplo, é mais valioso que uma pedra, porque tem vida. Um cachorro é mais valioso que o pé de abóbora, porque tem sensibilidade. Um homem é infinitamente mais valioso que um cachorro, porque tem espírito, o que faz sua natureza dar o salto para o nível mais elevado dos seres pessoais. E Deus é infinitamente mais valioso do que tudo, porque é o Ser por definição.

Juntando todas essas características, podemos agora tentar uma definição: a dignidade é a medida (ou grau) da perfeição espiritual de um ser pessoal.

Explicando melhor: medida da perfeição, porque um ser espiritual pode ser mais perfeito do que outro (nesse sentido, o ser humano é único, porque é o único que tem, além da sua dignidade intrínseca imutável, uma dignidade extrínseca que pode ser aumentada ou diminuída); perfeição espiritual, porque, como já vimos, a dignidade se refere a valores espirituais, como inteligência, bondade, etc.; de um ser pessoal, porque o ser pessoal é o único que tem natureza espiritual.

Do que dissemos derivam várias coisas: É possível perder completamente a dignidade, no caso de um criminoso convicto, por exemplo?

Um amigo contava-me que tinha assistido na televisão a uma rebelião de presos. E, durante a reportagem, o microfone acidentalmente captou a voz da mãe de um dos detentos, berrando: "Meu menino! O que fizeram com o meu menino?". Para essa senhora, não havia o "Zé do Crime", mas apenas o "meu menino". E não há como negar que ela via mais longe do que os outros, pois enxergava o homem por trás do criminoso. É um fato: ele é o "seu menino".

Além disso, uma pessoa não consegue deixar de ser uma pessoa. Não se pode esquecer que uma pessoa é um ser espiritual, e que por isso é imortal.

Quer dizer, tendo sido criada, não há mais como desfazer: uma vez pessoa, sempre pessoa. Isso vale até para o caso mais extremo dos suicidas: devem ter uma bela decepção ao descobrirem na prática que não conseguem deixar de ser. Mas não tem jeito: o suicídio é tentar passar uma borracha sobre uma página escrita a caneta, ou melhor ainda, sobre mármore entalhado.

Dessa, forma, é praticamente impossível perder totalmente a dignidade extrínseca, aquela que se conquista, e é totalmente impossível perder a dignidade intrínseca, da mesma forma como é possível cair da escada, mas não passar do chão.

8. "Professor, pode sair assim mesmo?"

A consequência mais direta da dignidade na nossa vida é que não suportamos que rebaixem a nossa condição, que nos tratem como menos do que pessoas, que nos menosprezem, isto é, que nos prezem menos do que deveriam. Sentimos, ou melhor, intuímos, assim, uma ideia complexa, tão grande que não é possível deduzir e que é assim expressa na *Metafísica dos Costumes* de Kant: *que uma pessoa não pode nunca ser usada*

como meio, mas sempre como fim. Isso se manifesta, por exemplo, na preocupação pelo “bom nome”.

Um fato verídico: um professor universitário, ao publicar um trabalho, teve o seu nome escrito errado na capa. O tipógrafo trocara o segundo “p” de “Pupo” por um “t”... e ainda teve coragem para levar uma prova à sala do tal professor e perguntar se ele se importaria se o trabalho saísse assim mesmo... Podemos imaginar como o rapaz foi recebido.

Outro exemplo é o adolescente que parece revoltado contra tudo e todos: não é mais do que alguém que está começando a tomar consciência do próprio valor e, deslumbrado com isso, quer que todos o respeitem.

Todos nós detestamos sentir-nos usados pelos outros. Que moça gosta de saber que o rapaz que a convidou para jantar só quer causar os ciúmes de outra? Quem procura ser assunto de piada? Quem confia naqueles “amigos” que parece que só veem no outro uma qualidade: o carro?

Enfim, por mais que se insista na ciência, e na modernidade, e em tudo o mais, ainda existe, gravada no coração de todo o homem, a boa e velha regra áurea: Não faça aos outros o que você não gostaria que eles lhe fizessem. Antes de pensar em clonar, o certo seria pensar em ser clonado. É agradável a perspectiva?